

A cidade de Lisboa

O nosso artigo de ontem sobre a necessidade de se cuidar a valer dos melhoramentos da cidade de Lisboa causou uma esplêndida impressão entre os nossos leitores e, principalmente, entre os operários sem trabalho cuja situação parece não encontrar solução próxima e eficaz.

Mas não interessa ao operariado qualquer grande melhoramento que se faça na cidade apenas pelo interesse que o ligue à solução da crise de trabalho. Interessa-lhe também pelo lado moral e estético.

Só pessoas sem coração nem sensibilidade podem querer-se indiferentes perante o atraso em que se mantém este país e, principalmente, a sua capital tão visitada pelos povos mais variados do mundo.

Dizer-se que o homem é produto do meio ambiente é já uma banalidade. No ambiente deprimido em que o lisboeta vive não admira que seus hábitos sejam atraçados e que sua mentalidade seja acanhada.

As obras de beleza, a estética das cidades onde se vive têm uma poderosa influência na feição moral dos povos.

O habitante de Berlim, por exemplo, não é superior em civilização ao lisboeta apenas porque a instrução seja mais perfeita e espalhada naquela cidade do que em Lisboa. E porque o berlimense vive cercado de obras de beleza, transita por ruas amplas, medra na contemplação de obras mais perfeitas.

Embelezar e melhorar Lisboa é elevar o nível moral do povo, é torná-lo semelhante aos povos mais adiantados da Europa.

Quando surgem iniciativas que contribuam para o aperfeiçoamento do ambiente onde vivemos, nós, como jornal operário, que lutamos pela emancipação moral e social do povo trabalhador, não fazemos senão a nossa obrigação aplaudindo-as e ajudando, no nosso campo, a sua realização.

O projecto das obras do Parque Eduardo VII merece-nos especial simpatia porque está dentro desta nossa maneira de ver e porque, estamos certos, dotaria a cidade de um dos muitos melhoramentos que ela tão instantemente require para não se envergonhar perante a grandeza e superioridade de outras capitais que dispõem de menos recursos naturais do que a nossa.

O operariado da construção civil que vem seguindo com a merecida atenção as nossas considerações sobre o assunto está disposto, ao que parece, a intervir. E bem andará se assim proceder por quanto não só beneficiará a sua classe com essa intervenção como a cidade, a população lisboeta.

O suplemento literário de A BATALHA continua a ser uma das publicações melhores no seu género

O suplemento literário de A Batalha que se publica àmanhã é dos mais variados e curiosos. Mantém os seus créditos de semanário mais interessante no género que em Portugal sai à luz da publicidade.

Nogueira de Britto disserta sobre o cinema e a sua função educativa. Um médico brasileiro, dr. Pernambuco, Filho, a propósito dos vícios modernos da cocaína, morfina e ópio, insere um artigo notável apontando as consequências funestas desses venenos da moda, num estudo ponderado e profundo.

Júlio Eduardo dos Santos prossegue as suas considerações pedagógicas de flagrante actualização na Carta a uma criança de oito anos que tão bem acolhida tem sido pelo nosso público.

O grande enigma da Átlântica, estudo de Paul Bécquerel, é, pelas revelações estranhas que contém, um dos artigos que mais atenção chamaram.

Duarte Lopes publica um conto curioso, António, filho bastardo, escrito numa linguagem elegante e sobria, onde se nota um acentuado sabor regional.

Mário Domingues termina neste nemero a sua exquista novela História de um homem que nasceu no século XXI, cujo desfecho imprevisível deixá leitor sorriente e bem disposto.

Inseri ainda o suplemento de ámanhã um belo artigo de Soledad Gustavo sobre a emancipação da mulher que deve merecer especial atenção dos nossos leitores.

Não esqueceu, é claro, a inserção das apreciadas secções O que todos devem saber, e Chico, Zeca & C. para fazer do suplemento literário de A Batalha uma publicação completa no seu género.

O nono grupo dos liceus

O professor do liceu de Sá da Bandeira, sr. José Júlio Marques Leitão de Barros, foi autorizado a ausentear-se para o estrangeiro, em missão gratuita de estudo na França Alemanha, onde visitará os estabelecimentos de ensino secundário para verificar os progressos das matérias que constituem o 9.º grupo dos liceus.

ASSUNTOS COLONIAIS

As opiniões erradas do sr. Freire de Andrade acerca de São Tomé e Príncipe

Numa entrevista concedida ao *Século* em 23 de Agosto disse o sr. Freire de Andrade, entre outras coisas com respeito a São Tomé e Príncipe, que a produção daquela colônia anda por metade da de há dez anos. Sua desgraça é um tanto ou quanto exagerado

29\$00. Isto, para sua excelência, são bagatelas, que nada valem! Não admira que assim seja...

Quanto paga a Agriculturalde São Tomé aos seus empregados europeus? Exceptuando algumas roças, poucas, o resto não é uma desgraça. Há empregados de mato que não ganham para o calçado que estragam!

E que diremos da sua alimentação? Nisso nem é bom falar; temos conversado.

No que respeita a pessoal preto, servis- cais, ponhamos um vénus sobre assunto tão delicado. Como já átrás disse, não é neste momento que pretendemos tratar este assunto; mas não perdem, garanto-lhes, pela demora.

Mas isso mesmo é que os srs. Freire de Andrade e dr. José Benedito, agricultores amadores, deviam harmonizar junto dos agricultores «de verdade» e não vir cá para a imprensa com fantasias deturpar as coisas, como se os outros, que conhecem bem São Tomé e todos os seus meandros, não possam ter a faculdade de vir perante o público esclarecer a verdade nua e crua, das coisas no seu devido lugar.

Numa distância muito regular.

A agricultura de São Tomé nunca se farta de chorar, e com as suas lágrimas de... corcodio, quase sempre tem conseguido os seus fins.

Em 1921 quando o sr. António José Pereira, então governador da colônia, precisou, pela primeira vez depois de ter principiado a Grande Guerra, aumentar os direitos de exportação do cacau e outros produtos da colônia, os agricultores de São Tomé pagaram e pagaram bem a certo advogado para lhes escrever uma espécie de «folha sólta» que publicaram e nos, no jornal local *O Modesto*, de 29 de Setembro desse ano, intitulamos de: Documento mentiroso.

Ali, afirmavam os senhores agricultores, que «exceptuando a contribuição de registo e o imposto do sôlo que nesta colônia ainda eram regulados por diplomas anteriores à guerra europeia, nenhuma outra matéria colectável existia que, por sucessivos diplomas e desde 1914 para cá, não fôsse ou de novo colectada ou devidamente actualizada».

Esse documento foi publicado e distribuído, se não estamos em erro, em 18 de Agosto desse mesmo ano e nós podemos demonstrar no jornal que citámos, e de maneira que não pode ser desmentida, que todas as contribuições existentes, excepto a do álcool, — excepto... a... do... álcool! — entenda-me sua excelência bem! — eram todas anteriores a 1914, ano em que começou a guerra, sendo os direitos do cacau e do café os mesmos que haviam sido postos em vigor em 1892 e os adicionais os mesmos de 1894.

A variedade da produção agrícola da colônia

Também no mesmo documento os senhores agricultores diziam: A Alfândega deve, encarregá de demonstrar a v. ex.º — o governador — que somos nós quem tem razão e que o cacau que se vier a exportar no corrente ano talvez não chegue a 16.000 toneladas.

Aos senhores agricultores de São Tomé parece que aquela colônia não produz senão cacau; eles, nunca se referem ao café, à quina, ao azeite de palma, copra e coco-note; para eles só há cacau e mais nada; mas nós, mais adiante diremos o valor desses produtos e no jornal que já citámos, podemos demonstrar categoricamente, que o cacau exportado até 31 de Agosto desse ano, atingiu já a totalidade de 15.000 toneladas e com o que liavam exportado desde essa data até 29 de mês seguinte, data das nossas afirmações, ultrapassava já e muito, as 16.000 toneladas que eles diziam que não chegavam a exportar nesse ano. São sempre assim os senhores agricultores de São Tomé. Quando algum governador lhes pretende aumentar algum centavo nos direitos de exportação do cacau, saem logo à estaca com a mesma choradeira de sempre. Saem é como quem diz: pagam o que quem saia por eles. Isto, claro está, sem desdobra para o sr. general.

Mas como é que os senhores agricultores de São Tomé nos querem convencer que o cacau não pode ser mais onerado, quando o milho em Angola, que é um género pobre, paga mais direitos de exportação que o cacau de São Tomé, que é um género rico?

As contribuições em Angola são, em muito, superiores às de São Tomé.

A mão de obra em Angola, a pesar de ser de ali oriunda, é mais bem paga que em São Tomé. Queremos dizer: O serviço em Angola na sua própria terra, é mais bem pago, ganha maior salário do que o serviço que daquela colônia veio exportado para São Tomé e que ainda ali se encontra — oíça-me bem o sr. Freire de Andrade — que ainda ali se encontra, quer ele esteja ou não ao abrigo da lei; não é isso que pretendemos discutir neste momento; esse assunto, fica para depois. Qual é, pois, o motivo porque o cacau em São Tomé há de pagar menos que o milho em Angola?

Diz o sr. Freire de Andrade, que há 10 anos a produção orgava por libras 2.000.000, e que o cacau valia então 18 shill. ingleses, e hoje só vale 14.

Mas também a libra esterlina então só valia 5\$00 e hoje vale 10\$00, não contando com a grande temporada em que os senhores agricultores de São Tomé vendem os seus produtos valendo, a libra 12\$00, 15\$00 e até próximo a 20\$00. O cacau fino, de 1.º, em 1914 valia cada arroba 3\$00 e hoje vale 7\$00; o de 2.º valia 3\$00 e hoje 6\$00.

Garantir muito e pagar pouco

Mas a colônia de São Tomé só produz exporta cacau?

Porque é que o sr. Freire de Andrade não fala na grande quantidade de café que a colônia exporta e que em 1914 valia o de 1.º, cada arroba, escudos 12\$00 e hoje vale 18\$00; o de 2.º, valia 11\$00 e hoje vale 10\$00.

A quina, o azeite de palma que então pouco se exportavam e também pouco valiam e hoje valem muito e se exporta em grande quantidade?

E porque é que o sr. Freire de Andrade não fala também na copra e no coconote que em 1914 a sua exportação era quase nula, desenvolvendo-se extraordinariamente durante a guerra, e hoje a colônia exporta em larga escala, e então valia a copra, cada arroba, 2\$15 e hoje vale 39\$00; o coconote valia então 1\$49 e hoje vale

O QUE VAI PELO ESTRANGEIRO

A guerra na China

A intervenção dos americanos

HONG-KONG, 9. — Chegaram aqui 2 navios de guerra americanos a fim de protegerem os cidadãos americanos. — (H.)

Uma derrota das tropas governamentais

CANTÃO, 9. — As tropas de Cantão infligiram uma grande derrota às tropas governamentais. — (H.)

O fascismo italiano

O partido fascista reorganiza-se

ROMA, 9. — O grande conselho fascista ocupou-se ontem à noite da recente conspiração contra Mussolini, e prosseguiu hoje no estudo da nova organização do partido. — (L.)

Os conservadores ingleses

declararam ser a greve inconstitucional

LONDRES, 9. — O congresso anual do partido conservador aprovou uma moção declarando inconstitucional toda e qualquer greve geral, e preconizando a adopção de excepcionais medidas contra os agitadores bolchevistas. — (L.)

Os principes

casam civil e religiosamente, com Deus e com o Diabo

PARIS, 9. — O casamento do príncipe herdeiro da Bélgica com a princesa da Suécia está marcado para o próximo mês de Novembro.

A cerimónia civil realizar-se-há a 3 de que mês e o enlace religioso a 10 do mesmo mês, o primeiro em Stocolmo e o segundo em Bruxelas. — (L.)

O que pensam lá fora a nosso respeito

PARIS, 9. — Corre o boato de ter estalado um novo movimento militar em Portugal, a cuja frente se afirma estar o coronel João de Almeida. — (L.)

O Congresso da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais é um acontecimento social de valor

Como dissemos, é no próximo dia 13 de outubro e aproveitando a comemoração do nefando crime de que foi vítima Francisco Ferrer, que se realiza o Congresso das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, organismos operários de educação social que procuram federar-se entre si e de marcar de vez o caminho que lhes está indicado como se propuseram quando se constituíram.

A pesar de algumas das referidas escolas já terem existência vai a caminho de meia dúzia de anos, o que é certo, e já tivemos ocasião de o dizer em *A Batalha*, é que nenhuma delas cumpriu o programa a que se propuseram, dando-se, até, a triste coincidência de retrocederem a ponto de nos parecer, a pesar dos títulos que escorrem para si — que o seu fim era tudo menos educarem os pequenos proletários a compreender a vida e a sua futura missão na sociedade.

Nós bem sabemos que não era possível instituir, de momento, organismos que satisfizessem as aspirações idealistas dos seus fundadores — para que rapidamente se formasse um grande exército de revolucionários que pudessem tirar a sociedade da miséria que hoje tem existência e que Ferrer e os seus companheiros abalou com a poderosa propaganda libertária da educação!

Mas, por isso mesmo, e porque foi sempre difícil conciliar as vantagens dispersas que hoje se retrinam, é que se formou uma comissão que procurou dar corpo à ideia de federação entre as diversas escolas e bibliotecas — ideia que caminhou seguramente e que vai triunfar no próximo dia 13, com a realização dum congresso que há de ser um acontecimento social de valor.

Embora à primeira vista pareça que a ideia da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais não tem aquele valor que lhe estamos dando — o que é certo é que se os leitores deste jornal e os amigos das ideias libertárias pensarem bem, e virem melhor que as referidas escolas e bibliotecas são organismos destinados tanto à educação dos já homens como dos filhos d'estes e que a maior parte da sua ação converge para a população dos sindicatos procurando insular-lhe as concepções sociais, não só de compreender que a Federação, por ser o conselho de delegados dos organismos aderentes tem de facto um certo valor — demais que a sua missão é estabelecer inter-câmbio de ideias com as diversas Internacionais do Ensino para procurar dar às suas escolas aquela orientação pedagógica mais consentânea com a consciência e a humanidade!

No referido congresso devem tomar parte cerca de quinze organismos — e a elas vão assistir, a pedido da Federação, diversos elementos do professorado que marcam na vanguarda das ideias como os propulsores da Escola Nova! Por todo o país podem haver mais organismos que estes que desejam achar a realidade das populações furtadas nos seus direitos e que tão des�iramente desprezam a sua vida de humilhações!»

A C. S. T. P. tem feito por despertar as camadas letargicas, buzinando-lhes todos os desvios, todos os perigos, todos os vícios tirânicos e roubalheiros em que estão prestes a redemoinhar numa letal embriaguez.

Nada lhes vitaliza a energia, são cadáveres com aparentes vislumbres de existência.

Parte desta gente, que não parece deste mundo, vinga-se a verter lágrimas, como que apostada com o desenvolvimento da educação racionalista, do moderno ensino pedagógico concentrado na Internacionais do Ensino de Paris, aqui deixamos o nosso apêlo!

A Comissão Organizadora da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais.

OS CRIMES DOS MOÄGEIROS

Uma repugnante medida da Companhia Nacional de Alimentação que pode ser funesta para os consumidores

Prosseguimos hoje no nosso combate aos crimes dos moägeiros.

material antiquado e que já não é mais devido estar na sacata. O peixe depois de devidamente lavado, esfolado, e encaixotado, vai para a loja para ser vendido. Antes, porém, de abrir o mercado são os caixotes verificados pelo sub-delegado de saúde, que numa rápida visita a quatro ou cinco mil caixotes, os são aptos para a venda.

Para monte, para ser iniciado com criolina, só vai aquele que já na escolha foi inutilizado e raramente algum caixote que pelo cheiro denuncia a não conveniência de ser vendido... segundo depois do mercado acabado para o guano.

Então é vê esse confrangedor cortejo do ganância. O peixe que poderia vender-se cinquenta e mais por cento mais barato, segue para o guano... enquanto uma multidão esfomeada invade o recinto e vai procurar nos résiduos, algum, que por esquecimento não levou criolina...

Mas os armadores dizem nos seus órgãos que se o peixe se deteriora, não são pelos efeitos de viagem que o barco traz - 8 a 12 dias com uma pesca nunca inferior a 30 toneladas - como pelo estado do mar e ainda por um desarranjo na geleira do barco, etc. Mas nós afirmamos que o é pelo desleixo em que se encontram os barcos, sem acomodações, sem os requisitos necessários a que para tal fim são obrigados, ou pela propriedade e criminosa ganância. E abrimos aqui um parêntese para tornar público o seguinte: O ano passado saiu uma portaria determinando que todos os barcos de pesca de arrasto, tivessem um aparelho de telegrafia sem fios. E com manifesto prejuízo para as tripulações, assim não se fez, porque tudo quanto seja em benefício do trabalhador é superfluo.

Como dissemos a venda é feita, após a verificação médica, por uma forma interessante. Um pregoiro que fala rápido, aponta para um caixote de pescadas voltando-se para o público comprador que numa massa compacta se acotovelava silenciosamente, diz:

700\$00! 6.950\$00! 698\$00! etc.
Conta de cima para baixo, até que da multidão parta um grito estridente:

— Chuí!

O peixe tica arrematado. Muitas vezes é arrematado para um só comprador e por preços diferentes 8 e mais caixas, que depois são revendidas, mais uma ou duas vezes, até chegar às mãos do público... De forma que uma boa pescada, que quase daria para duas casas de família, custa 30 ou 40\$00, quando poderia ser vendida por 12 a 15\$00!

Falemos agora dos trabalhadores. Há pouco mais de seis meses, o pessoal da descarga foi impedido para uma greve de reivindicações morais e materiais.

Mas não só pela traição de um tal «Chico Algarvio», como por factores lamentáveis que antecederam, essa greve fracassou em parte.

E presentemente, esse indivíduo, arvorado em representante dos potentados, persegue, protegido pela polícia marítima, o trabalhador que após 12 ou 14 horas de trabalho extenuante, encarregado, enregelado, chegando por vezes ao entorpecimento do corpo, tenta a infelicidade de pretender levar para comer um peixe no valor de dois patacos, esquecendo-se dos tempos em que inventou um colete com algibeiras, que, posto por baixo da blusa do trabalho, conseguia sem notado traçar de cada vez que saía o porão para ir fazer as suas necessidades fisiológicas, 14 a 15 gorazes, que no fim do trabalho, representavam por vezes a quanta de 200 a 250\$000... E aí de quem lhe caia na alçada. Ainda não há muito tempo que um trabalhador foi parar ao Limoiré por levar um peixe no valor de 1\$50!

Queremos deixar aqui bem acentuado que não é por culpa dos trabalhadores, que há ganância de peixe, pois o Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra encontra-se apto a fornecer o pessoal necessário para efectuar a descarga de quantos barcos sejam necessários. Assim convém à Sociedade Comercial de Pescarias e Companhia Portuguesa de Pescas, os potentados responsáveis da carestia do peixe.

Seriam necessárias colunas inteiras, para apontar factos que, só por si, bastariam para pôr um freio energético a essa falperra. Mas por hoje cremos ter dito, não o que seria nosso desejo, mas uma pálida ideia da forma como procedem os exploradores do povo.

Não fechamos porém, sem acentuarmos a nossa opinião sobre a maneira como as descargas se poderiam efectuar rapidamente. Alegando os armadores a circunstância de o cais acostável ser em diminuto espaço e não permitir grandes descargas, poderiam os poderes constituidos obrigar os srs. armadores a quando não houvesse espaço no Cais de Santos a virem desembocar o peixe ao Cais do G32.

Assim só viria beneficiar o público, como também deixaria de ir para o guano tanto peixe deteriorado. A não ser que haja conveniência, em lançar 50\$00 de imposto, sobre cada quilo de peixe pôrde, pois que quem virá a pagar é o público consumidor. A Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra.

Em Évora realizou-se uma importante sessão de protesto

EVORA, 8. — Promovida pelo Sindicato da Construção Civil realizou-se, nesta cidade, uma sessão contra a crise de trabalho e carestia da vida, que foi presidida por Bernardino José Fale e secretariada por Joaquim José Faria e Manuel Henrique de Almeida.

Falei, em primeiro lugar, Bernardino José Alves que criticou acerbamente os maiores criminosos dos que estão causando a carestia da vida.

Segue-se-lhe: Joaquim Alves, Barrão que depois de exportar razões da actual subida de custo dos géneros alimentícios e do agravamento da crise de trabalho, afirma que o povo operário é culpado, em grande parte, da angustiosa situação económica em que se debate, por não ter sabido reagir com energia e de emancipação.

Depois da Mafra ter falado na mesma ordem de ideias do orador antecedente, usa da palavra o velho militante rural Joaquim Candeira que afirma não haver necessidade de se consumir trigo e extrangeiros, acentuando que esse iacto se dá por culpa dos grandes proprietários rurais.

António Tomás, da U. S. O., apela para a união dos trabalhadores, considerando-a o único meio capaz de conjugar os perigos e as ameaças da hora presente. Ataca ainda, em termos vibrantes as especulações feitas e as violências cometidas nestes últimos tempos.

No final foi aprovada uma moção dando todo o apoio a qualquer movimento que a C. G. T. venha a organizar contra a carestia da vida.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 15 h. — Soirée às 8,45 h.
Colossal éxito dos notáveis batalhinos
STICHINI e JACKO
Danzas clássicas, sônicas e acrobáticas.
Últimos espetáculos das distinhas artistas
Pitusilla
Estrela do «couplet» cômico
Teresita de Ávila
Formosa e elegante coupletista
N.º de ecrã: Loucura dum noite (8 partes)
Concerto pela FOZ MELODY BAND
PREÇOS ULTRA POPULARES
Superior: 2.000; Plateia ou Balcão: 500;
Camarotes: 1.500; Frizas: 2.000;
Convites: 4.000.

confílio entre os empregados da Carris e os vendedores de jornais

A direção da Associação dos Vendedores de Jornais pede-nos a publicação do seguinte:

«A direção da Associação de Classe dos Vendedores de Jornais, apreciando a nota do Sindicato dos Condutores e Guarda-freios dos eléctricos, e ouvindo os seus delegados à assembleia dos mesmos, não pode deixá-la passar sem o seu protesto por não se terem com falsidades, como de falsidades foi a assembleia daqueles, conforme passamos a relatar:

Alves Ferreira, dos eléctricos, afirmou que estava [deveras] admirado com a solidariedade dos Vendedores de Jornais, o que se não nota na sua classe mas, que os vendedores tivessem paciência por eles, rem acabado com a exploração que estes faziam com as crianças e das as queixas, que não deixam entrar os vendedores o que lhes pode fazer é comprar o jornal e levá-lo ao passageiro.

Diamantino Dinarte que proibiu terminante a entrada de vendedores no seu eléctrico, que não precisa nem dos vendedores nem dos jornais nem da opinião pública.

Santos Júnior que resolven cumprir à risca as ordens da companhia não estando disposto a auxiliar uma classe de cadastrados e que o vendedor de jornais que teve o conflito com o condutor tem 6 prisões (algum em aparte disso 9 prisões faz favor) e que por isso se não admitem os delegados dos vendedores serem escorregados.

Francisco Lourenço, Manuel Augusto Ferreira, Francisco Sebastião dos Santos, Manuel de Almeida e Joaquim M. Carvalho desistem da palavra em consequência de estarem de acordo com os oradores antecedentes (nesta altura abandonam a sala muitos empregados).

António A. de Abreu que há um lavrador que também vende jornais que tudo canta a estes, e que deviam pedir a companhia a expulsão do lavrador, e que os vendedores não têm que se dirigir ao pessoal, mas sim à companhia.

Alfredo M. Pereira, dos jornais, protesta contra a caifia que ali foi levantada de que Amadeu Marques tinha 9 prisões o que ele garante não ser verdade porque o vendedor nunca lhe prego e que um caluniador não honra a classe a que pertence (a assembleia manifesta-se com foras e não apoia os oradores) O orador continua que vem ali com a bandeira da paz e só pretende auxiliar as duas classes dum conflito em que nem a luta, nem a harmonia só beneficia.

Vamos expor, sem mais comentários, o relato simples que nós foi feito numa voz repassada de indignação e tristeza:

Maria da Costa Cantante, de 17 anos, da Ereira, Verride, a servicial em questão, sentiu-se, há tempos, doente dum perna, sozinha, com o abcesso no gônimo e esquerdo.

A BATALHA

Carta de Coimbra

«Salvemos as raparigas» — Um pseudo enfermeiro que procede como um brutamontes

COIMBRA, 8. — Na nossa missão de correspondente desse jornal, deparamos, às vezes, com certas anomalias, que nos faziam pensar, se não estivéssemos há muito convencidos de que a sociedade actual se vai descompondo pouco a pouco numa onda de lama.

São tantos os casos de degenerescência moral que constantemente temos antes nossos olhos, que ocupariam uma boa parte das colunas desse jornal se porventura a todos nos quiséssemos referir.

São tantos os refinados patifes mascarados de pessoas de bem que teríamos que vestir com a nossa crítica acerada mas justa, que preferimos irmo-nos referindo àqueles casos que não podem comparecer-se com um silêncio que poderia ser considerado como subserviente.

Ainda agora temos indo focando nas colunas de *A Batalha* aquele repelente caso da Figueira da Foz, em que uma jovem, filha dum honesto trabalhador, é vilipendiada por dois brutos da alta sociedade, sem que a sua voz terrivelmente acusadora seja ouvida pelas surdas entidades a quem compete providenciar nestes assuntos.

Agora, há dias, chamaram-nos a atenção para um outro caso ocorrido nesta cidade, que, se não é revestido da gravidade daquele, nem por isso deixa de merecer que o relatemos nestas colunas, para vergastar o ignobil procedimento dum cavalheiro que deve ser dos mais patifários com muita certeza.

Uma pequena de 17 anos, servicial, que estava [deveras] admirado com a solidariedade dos Vendedores de Jornais, o que se não nota na sua classe mas, que os vendedores tivessem paciência por eles, rem acabado com a exploração que estes faziam com as crianças e das as queixas, que não deixam entrar os vendedores o que lhes pode fazer é comprar o jornal e levá-lo ao passageiro.

Alguém, assíduo leitor de *A Batalha*, tendo fortuitamente tomado conhecimento do caso, aconselhou a rapariga a dirigir-se-nos, para que amarrássemos festas colares e o moralista herói da proesa que vamos relatar.

Fez bem a pequena em aceitar a nossa solidariedade, tirando daí os leitores que exerce indevidamente, o de enfermeiro, que exerce abusivamente, a um instante de curativo (um posto de socorros sem ligaduras!) mandar deitar a rapariga na «marquesa» e pretende que ela erga os vestidos para proceder à tal inspeção. Como esta se recusasse a tal, ergue-lhe ele as saias violentamente pronunciando palavrões obscenos e sujeita a jovem a um vergonhoso exame que ela tem de sofrer passivamente em face da brutalidade desse monstro.

Não sabe explicar a pequena que o brutalismo procedeu assim com o intuito de abusar dela, se obedeceu apenas a um instinto de curiosidade doente. Sabe dizer apenas que o Lucas desistiu do seu exame, quando verificou que a rapariga estava atraçando o período menstrual.

A pequena vexada, e corrida com o ultraje, não voltou ao posto, contando a sua patroa o sucedido, a qual ficou indignadíssima com o reles procedimento.

Alí fica o assunto narrado em toda a sua simplicidade, tirando daí os leitores que entender, para lamentar agravos que a menor não tenha um parente próximo que se prestasse a abanar as orelhas a este cavalheiro, para ver se não sentiria vontade de repetir a proeza com alguma rapariga nas condições da que apresentamos.

Para fecho, estranhamos que a classe dos enfermeiros menospreze os seus direitos, permitindo que à frente dum posto de socorros esteja um indivíduo que não possa querer diploma que o habilita a tal, o que representa um perigo para quem tenha de se aproveitar dos serviços daquele posto, pois que este enfermeiro já tem dado sobras provas da sua competência profissional. — C.

NO TRIBUNAL MILITAR

Foi condenado o detentor do caixote de balas apreendido em Sacavém

Perante o 2º Tribunal Militar, presidido pelo coronel Santos Guerra, juiz auditor Lopes Vieira, respondeu, ontem, o ferroviário António de Oliveira, por lhe haver sido apreendido na sua casa, em Sacavém, três caixões de cartuchos com balas, e que lhe haviam sido pedidos para guardar, por um seu amigo, de nome Almeida Júnior.

O Oliveira foi condenado na pena de trinta dias de prisão correctional, tendo sido levado em conta a prisão solitária. Foi seu defensor o major Alpedrinha.

O caso do coronel João de Almeida

Estamos autorizados a desmentir a notícia publicada ontem por um jornal da manha sobre a prisão do coronel sr. João de Almeida. O caso passou-se da seguinte forma:

O coronel João de Almeida apresentou-se por escrito ao Juiz auditor do 2º Tribunal Militar visto correr ali contra ele um auto de corpo de delito, declarando-se dentro da sua casa, na Costa do Castelo, 72.

Comunicou mais que ia escolher para seu defensor, o major João Tamagnini Barbosa.

As nossas correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensado por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito

tempo de interpretação, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

Os delegados dos Vendedores de Jornais à assembleia dos condutores e guardafreios dos eléctricos desafiam o caluniador Santos Júnior, o traidor da sua classe quando da greve de 1912, o reacionário encapuzado de republicano, o célebre regeador da freguesia de Bemposta, a provar o que disse e ainda espalhando na sua classe, a fim de espalhar pelo público, de que Amadeu Marques tinha 9 prisões. Os mesmos delegados declaram por sua honra o mesmo nunca foi preso, senão no conflito com o condutor agressor.

Caso Santos Júnior o não faça, publicaremos a sua biografia que é deveras interessante. — O delegado, Alfredo Marques Pereira.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de sair, em folheto, o decreto 5.518, de 7 de Maio de 1919 e respetivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso, 50\$00. Os sindicatos que desejem adquirir a sua publicação devem abonar de 50 por cento em folhetos.

Folhe o «folheto de *A BATALHA*

Caixa Económica Operária

A direção desta cooperativa participa associados o falecimento do seu tesoureiro, Manuel José Pinto, cujo funeral se realiza hoje, às 15,30 horas, da rua Senhora da Glória, 132, para o cemitério do Alto de São João.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

As sindicatos que desejem adquirir a sua publicação devem abonar de 50 por cento em folhetos.

Folhe o «folheto de *A BATALHA*

Caixa Económica Operária

A direção desta cooperativa participa

associados o falecimento do seu tesoureiro, Manuel José Pinto, cujo funeral se realiza hoje, às 15,30 horas, da rua Senhora da Glória, 132, para o cemitério do Alto de São João.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, realizada ontem, encontr

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2594	
Paris, cheque	56,5	
Suica	878,5	
Bruxelas cheque	54,5	
New-York	1958	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	570	
Brasil	2590	
Praga	558	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	2377	
Berlim	4367	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Teatro — As 20,45 e às 22,45 — Cabaz de morangos.
Sala Vitoria — As 21 e às 22,45 — Olaria.
Teatro São — As 21 — Variadas.
Verdeleões — As 20,30 e às 22,30 — Saracoté.
Elenco — (Vicente à Graça) — Espectáculos 22.
Sábados e domingos com matinées.
Lendo piano — Todas as noites. Concertos — di-
versos.

CINEMAS

Tivoli — Central — Condes — Chiado Terrasse —
Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tor-
nosa — Cine Paris.

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

NA
SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA

Sapatos para senhora
Sapatos em vermelho
Boas pretas (grande salão)
Boas brancas (salão)
Grande salão de botas pretas
Boas e calçados para homens

Para convidar à SOCIAL OPERÁRIA
que bem, pois lá encontra boas baratas.

A Social Operária e narra das Calçadas,
18-20, com Filial na moçambique, n.º 43.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeléiros
Grande sertimento em chapéus. Ilhos e me-
molas em cores indissociáveis, formatos
dos mais afamados fabricantes estrangeiros.

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano
elegante, só na
Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiares de
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-
to, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo
Jardim (Exclusivo)

SE DEVEM AO
HERPETOL

TUDO AOS MONTES

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5,000\$00 pago imedi-
atamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

IMPORTE:

Mediante um ligeiro sobre-prémio,

A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSIVEL AOS RICOSA Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs
PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxis "Citroën" (palhinha ama-
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5523

Escrítorio e Garage: Rua Almirante Barros, 21

Milhares de curas

SE DEVEM AO
HERPETOL

Unicormédio eficaz para as doenças da PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão.
Depois de ter usado várias pomadas e outras ingre-
dientes que os pais acusavam, resolveram con-
selho médico, o qual recomendou o uso de HER-
PETOL.

pele, que tinha a aparição escamosa muito irri-
tada, forçando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se im-
mediatamente aliviada, e a cada dia de uso, a trac-
tada manifestações haviam desaparecido.

E recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, espinhos e mordeduras
de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. de Prata, 237,
Lisboa, e na R. das Flores, 15, Pórtico.

— Ah! tremo só de me lembrar que estive no
meio dessa horrível turba.

— Sim! eis o que eu vi. E desgraça! desgraça!

outros crimes seguirão o primeiro, porque o sangue
derramado inspira ao povo um incrível frenesi. E des-
tes crimes são provocadores ou cúmplices os vence-
dores da Bastilha. Foram eles que desencadearam a
insurreição armada, que fomentaram a revolta contra
as leis, contra o poder. E, por esse motivo, João Le-
brenn que até aqui tinha na conta de um homem de
bem, não é para mim agora senão um bandido que
me inspira um invencível horror...

— Não! meu pai, não! esse horror não será inven-
cível, porque é imerecido, exclama Carlota com voz
firme e resoluta. A reflexão e a equidade triunfarão
de um primeiro movimento cuja injustiça lamentaria.

O advogado surpreendido pelas palavras e pelo
tom resoluto de sua filha interrogou sua mulher com o
olhar, parecendo pedir-lhe a sua explicação do estra-
ño apoio prestado por Carlota a João Lebrenn.

— Minha filha, nem mais palavra a esse respeito,

diz vivamente a esposa de Desmarais, fazendo a Car-
lota um sinal de inteligência, percebe? nem mais
palavra.

— Desculpe, minha mãe; devo falar, seria cobardia
não o fazer.

— Minha querida amiga, torna o advogado sur-
preendido, o que significam as palavras de Carlota?

— Eu me explico claramente, acode Carlota. Ainda
agora quando meu pai entrou, pedia eu a mamã que
se lembresse de tudo quanto dizia respeito a João
Lebrenn.

— Ainda esse nome, exclama o advogado, com
impaciência, esse nome que me é odioso.

— Não o deve ser.

— Como? Não deve?

— Oiga-me. Não lhe lembrei o juizo favorável

que muitas vezes lhe ouvi formular sobre esse jovem
operário.

— Prova isso apenas que me iludi.

— Não, meu pai, não se iludi. Era merecido esse
juizo favorável, e é ainda, sê-lo-há sempre.

— Na verdade, minha filha, não percebo a tua insis-
tência.

— Dê-me licença. Não lhe lembrei também a
parte que João Lebrenn tomou na sua eleição. Lem-
brar-lhe-hei apenas um facto que meu pai não pode-
ter olvidado. Passou-se há meses. Estavam uma
noite aqui nesta sala reunidos em família. E tanta con-
fiança meu pai depositava no seu novo amigo, que
lhe narrou o infame ultraje de que fôra vítima da
parte do sr. conde de Plouerel.

— Carlota, basta, basta, exclama o advogado, nunca
devia avivar essa recordação tão penosa para seu pai.

— Creia que muito me custa avivar uma ferida que
verte ainda sangue no seu coração; mas lembre-se da
generosa cólera de João Lebrenn quando ouvia a nar-
ração desse caso. Arrazaram-se-lhe os olhos de águia e
sairia da sala, se nós todos o não fizessemos parar
preguntando-lhe o que ia fazer: Sou apenas um ope-
rário, respondeu ele, mas tenho braços robustos; sem
dúvida um fidalgo não me achará digno de cruzar a
sua espada com a minha; pegarei num pau e juro
que hei-de tratar o conde de Plouerel, como ele tra-
tou o sr. Desmarais! Foram necessárias as mais arden-
tes súplicas, de todos nós para que ele renunciasse a
esse projeto, e lembro-me que meu pai, depois de ter
dissuadido, o abraçou cheio de comôdo, dizendo:
«Um filho não abraçaria com mais ardor a minha causa.
Considero-o de-ore em diante como um dos membros
da minha família». Não é isto verdade, meu pai?

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
ferido nesse combate heróico.

— E então? que tem isso de comum com os cri-
mes de hoje, crimes de que foi Lebrenn um dos insti-
gadores?

— E com que direito, meu pai, acusa o sr. Lebrenn

de ser cúmplice desses assassinios? Viu-o entre os
facinoras? Que mal fez ele? Operário, afrontou, de
peito nu, o canhão da Bastilha, e foi gloriosamente
fer

A BATALHA

Todos os operários devem ler
o suplemento de "A Batalha"



O SINDICALISMO EM MARCHA

Ficou definitivamente reorganizado
o Sindicato da Construção Civil
de Coimbra

COIMBRA, 7.—Conforme havíamos noticiado, uma comissão de operários da Construção Civil tomou sobre seus ombros a empresa de conseguir a reorganização do Sindicato da sua indústria, para o que preparou duas sessões de propaganda, as quais tiveram lugar nos dias 3 e 4 do corrente, com a assistência dos camaradas Luís Gonçaga e Alberto Dias, delegados da Federação da Construção Civil.

A primeira destas sessões, realizou-se no lugar de Faria, freguesia de São Martinho do Bispo, onde reside uma grande parte dos componentes da indústria. Esta sessão decorreu animadíssima e com bastante concorrência, tendo usado da palavra os dois delegados da Federação.

A segunda sessão, que teve lugar nesta cidade, na Associação dos Empregados de Hoteis, Restaurantes e Cafés, na rua Borges Carneiro, foi a mais importante, já pelo maior número de operários que a ela acorreu como também por ser desta reunião de onde devia sair, em definitivo, a reorganização do Sindicato.

Esta sessão começou pelas 12 horas, tendo presidido Joaquim Roque, secretariado por Casimiro Henriques e Joaquim Dias.

O presidente pronunciou algumas palavras sobre os objectivos da sessão que se estava realizando, dando em seguida a palavra a um dos delegados da Federação, Luís Gonçaga, que comece por examinar as causas que levaram o Sindicato da Construção Civil a desorganizar-se, afirmando que a principal causa, porém, foi a indiferença do operariado, pois que se à frente do Sindicato havia elementos que não satisfaziam, pela sua orientação, os operários nada mais tinham a fazer do que substituir esses elementos por outros da sua confiança, e nunca abandonar os destinos do Sindicato em mãos que não lhes mereciam confiança.

Demonsra que não nos devemos preoclar apenas com assuntos de imediata realização, devendo o operário capacitar-se de que a necessidade que tem em ingressar nos organismos sindicais não visa apenas a satisfação dos interesses materiais. O sindicalismo tem uma missão mais lata, mais idealista, pois que pretende preparar os trabalhadores na cimentação dumha sociedade melhor, mas bem organizada, onde o homem seja livre de todas as opressões e de todas as gretas.

Lamenta o indiferentismo dos operários da construção civil pelo seu sindicato, organismo que ele conheceu cheio de vitalidade quando há sete anos, em 1919, assistiu nesta cidade aos congressos da Construção Civil e Nacional Operário, quando seria de esperar que após este espaço de tempo o sindicato da construção civil se apresentasse mais forte e mais aperfeiçoado.

Depois de se espraiar em considerações várias, termina por lançar um apelo ao operariado presente, no sentido de evidenciar todos os seus esforços por insular ao sínidato a vitalidade de que ele necessita, e diz que vai esperando de que o Sindicato Único da Construção Civil de Coimbra retomará a posição brilhante que mantiu há anos dentro da organização sindicalista revolucionária.

Faz uso da palavra, em seguida, o outro delegado da Federação, Alberto Dias, que critica acerbamente o indiferentismo do operariado da construção civil pela sua organização atitude que reputa criminosa e demonstrativa dumha inconsciência inconveniente apesar de tantos anos de porfiadas lutas em prol do bem estar dos trabalhadores.

É necessário que o operariado observe a actividade que as associações industriais e comerciais desenvolvem no sentido de ferirem de morte as organizações proletárias.

Manifesta a sua estranheza pela decadência que observa em toda a organização coimbrã, decadência que chegou ao ponto de deixarem perder a Casa dos Trabalhadores onde estavam instalados todos os sindicatos, para se chegar à vergonhosa situação de se andar agora a reunir em casas emprestadas.

E' necessário que termine esta situação anomala.

Reverte-se à crise de trabalho que assombra diversas classes, em especial a da construção civil. Lé algumas reclamações que a Federação tem apresentado aos governantes tendentes a atenuar a crise.

Reverte-se também ao momento assunto da carestia: da vida, que examina nos seus vários e múltiplos aspectos.

Foi depois aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

O operariado da construção civil de Coimbra, reunido em sessão magna, resolve:

1.º Reorganizar o seu sindicato, para o qual desde já nomeia uma comissão administrativa.

2.º Dar plenos poderes a essa comissão para que possa reaver imediatamente os utensílios do sindicato, e no mais curto espaço de tempo regularizar a cobrança, montar a escrita e tratar de todos os assuntos que digam respeito à sua missão.

3.º Dar a adesão do sindicato à Federação da Construção Civil e Confederação Geral do Trabalho, pois se encontra inteiramente identificado com os objectivos destes dois organismos centrais.

4.º Autorizar a comissão administrativa a proceder à instalação do sindicato em sede social própria, devendo a mesma comissão manter todos os actos de solidariedade com toda a organização operária do país.

Posta à discussão foi a moção aprovada por unanimidade.

Em seguida procedeu-se à nomeação da comissão administrativa, que ficou constituída pelos seguintes camaradas: Joaquim Roque, secretário geral; António de Oliveira Júnior, secretário adjunto; Joaquim Dias, tesoureiro; António Jorge e Joaquim Castela, vogais; Casimiro Henriques e António Lopes, substitutos.

Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação

Reúne-se amanhã, às 17 horas, para assunto urgente, na Calçada Castelo Branco, 42, 1.º, a comissão organizadora do Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação.

LUTA DE CLASSES

Os "Sois" da Litografia Nacional
(pretenderam atemorizar
o seu pessoal)

PORTO, 8.—Os srs. "Sois" da celebra Litografia Nacional pensaram em pregar um terrível susto aos seus operários em greve—pessoal, aliás, que se conserva indefectivamente no seu posto de combate. Redigiram um lacônico anúncio de breves linhas e enviaram-lhe, mediante bom pagamento, para os jornais de grande circulação, que o publicaram na primeira página. No tal anúncio, em caracteres regularmente visíveis, os "Sois" declararam ter aberta nova inscrição de pessoal, pelo que convidavam os litógrafos a entrar, pressurosos, para a sua oficina de exploração descabellada... Quem não tiver cabeça bem equilibrada, não paga 'coisa alguma pelo azorrague ambicioso dos srs. "Sois"! E' entrar! E' entrar!

A pesar do estratagema já ser mui sedentamente conhecido, os ricos proprietários da Litografia Nacional julgavam que o "true" anúncio iria levar ao campo grevista o "trouamento" do desespero, inciando-se, desde logo, a esgueira desertaiva do "salve-se quem puder!"

Afinal, as linhas da nova inscrição só tiveram como efeito salutar despertar nos grevistas uns alegres momento de "blague" justamente adequada. Não é com esses papões do "quixotesco" despedimentos e de "sanchopancescos" avisos de novas admissões de escravos, que eles, os grevistas, vão ao beija-mão patriarcal dos nababos "Sois"... pronunciadamente arreliados pela resistência que os explorados lhes oferecem...

No entanto, manda a verdade dizer que os srs. "Sois" não estão de todo descontentes: é que, a açãoarem-lhes o importante movimento da sua lucrativa litografia, têm lá uns "troilhos"—não por que sejam conhecidos aqueles cuja competência só presta para inutilizar tempo e trabalho.

Os srs. "Sois" bem vêm o seu rico dinheirinho a arder, os trabalhos a estragarem-se... Mas, por uma questão de maquiavelismo "triquianiano", e também de perreiro industrial, eles continuam a amontoar o desastre—e os grevistas unidos no seu reduto sindical e amparados pela solidariedade de toda a classe, porque sua, seria a derrota do pessoal da Litografia dos srs. "Sois"...

Estes, no intuito de malquistarem o esforço dos operários litógrafos em luta, alardeiam alguns actos "benemerentes"—à custa, afinal, da própria exploração exercida contra os operários—prestados a um ou a outro assalariado. Não dizem, porém, que o maior "filantropismo" empregado tem sido em justíssimo auxílio a um artista gravador que em sua casa tem deixado a pele há uns 30 anos—o italiano Emílio Boggio—e que lhes enriqueceu bastante a Litografia com importantíssimos trabalhos de efectiva utilidade... Não dizem que se com ele têm dispindido uma prolongada e regular "caridade", isso há sido devido à esperança de que se restabelecesse, porque dele precisam para continuarem a enriquecer com a sua competência artística...

Neste alardeamento também se tem empenhado o antigo desenhador e militante litográfico Artur Guimarães, hoje industrial, aliado dos "Sois" e português escravizado da sua antiga classe...

Mas os "Sois" e o seu "factotum" Guimarães pensam que o facto de se dar qualquer esmola, subsídio, à estes ou aquele, na doença... ou na morte, isso é o bastante para que os exploradores quem permanentemente com o direito de fazer o que lhes apetece—pagar mal, diminuir os salários, trair, querer que as outras casas diminuam as regalias aos seus operários, enquanto eles, pelo "trust" das absorções premeditadas de todas as oficinas litográficas, não podem mais directamente fazê-lo?

Os srs. "Sois", o sr. Guimarães, são uns pândegos. Mas como a classe litográfica os conhece—continua vigilante na luta, para não morrer...—C.

Declararam-se em greve contra a baixa de salários os operários da fábrica Nascimento

PORTO, 8.—Como já tinhamos previsto, a greve tornou-se inevitável na casa Venâncio Nascimento. Todos os meios sussórios empregados junto daquele industrial não tiveram o condão de o fazer comover, a despeito de toda a justiça que assiste aos operários reclamantes.

Nós já dissemos que Venâncio Nascimento estava apostado em pôr em prática um plano de rebaixa de salário uredido num concílio de industriais da especialidade do mobiliário. Nascimento seria o homem demoníaco que se atiraria para a cabeça do turco.

Os outros colegas da exploração colocaram-se na expectativa à espera dos resultados da luta.

Os factos confirmam presentemente tudo quanto se esperava.

Venâncio Nascimento, com aquela rapacidade que lhe é tanto peculiar, principiou por reduzir a três dias o trabalho na sua casa. Tinha de ser, porque atraí desta manobra a dificultar a situação financeira dos operários, lá estava congeinado o segundo assalto. Os industriais escandalosamente enriquecidos já não podem fazer o mais insignificante sacrifício na sua abarrotada bolsa. Os operários, sim, habituados a viverem sempre com as "calças na mão", que devem eternamente sofrer as aguas de todas as misérias...

De harmonia com estes pensamentos de brutais espoliações, Venâncio Nascimento, não se contentando com a miséria de labor dada calculadamente aos seus escravos, ainda teve o cinismo, a petulância irritante de lhes pretender baixar aos salários! Primeiro, passou-os aos três dias, para lhes causar desâimo, apreensões, possivelmente concorrências. Depois, propôs-lhes, descaradamente, uma diminuição de jornada, na crença de que eles, desorientados, aceitariam humildemente o escamoteio, talvez ainda para, já que assim as coisas não mais se punham, lhe pedirem a que, pelo menos, lhes desse mais algum dia... já que desvalorisava os salários, que ampliasse os dias da semana de trabalho...

Mas Venâncio, que assim tão provocadamente se colocou, viu frustrados os seus desejos. O seu pessoal, que não é des-para-los encarregados, especialmente os de marcenaria, se içaram numa atitude de covardia sabujante, os operários em greve manifestaram uma alta disposição para a luta—desprezando os vendidos. —C.

TODOS AD PORTO BRANDÃO!

O Comité Central da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional convida o proletariado a visitar, HOJE, domingo, 10 de Outubro, a Colónia Balnear dos filhos dos presos e deportados que mantém presentemente no Porto Brandão.

Nenhum trabalhador deve deixar de visitar estas pequeninas vítimas da luta de classes!

Pela Cooperativa dos Catraceiros serão organizadas carreiras especiais de gazolinhas, de meia em meia hora, de Belém para o Porto Brandão.

A fim de filmar vários aspectos da Colónia Infantil, seguirá para o Porto Brandão, pelas 11 horas, um operador cinematográfico

EM MONSANTO

Contra os presos sociais foi tomada uma medida

Há dias os guardas da Cadeia Civil de Monsanto descobriram no sector C, um buraco em direcção a terra, preparado talvez por alguns dos presos sociais, que pretendiam fuga.

Para que ninguém estás preso por gosto, e o tormento dos presos sociais há bastante tempo é de molde a gerar os maiores anseios de liberdade. E o procurar a liberdade não é coisa que mereça a repulsa das pessoas de bem.

O director do Forte de Monsanto, há dias, fez invadir o mesmo pela guarda, de baioneta calada, e mandou meter todos os presos do sector C, numa prisão que há muitos anos está condenada. Esta prisão é um subterrâneo a grande profundidade, por cujas paredes escorre a água que se empõa em diversos sítios e mantém todo o pavimento encharcado. O ar não entra ali porque naquela profundidade não há qualquer saída que permita a corrente do mesmo. A cisterna, assim se chama a prisão de que estamos falando, é em abóbada, completamente fechada por todos os lados, sendo a porta por onde entram os presos, absolutamente vedada, toda coberta dumha grossa chapa de ferro. Depois desta porta fechada a cisterna é um verdadeiro túmulo. Para se imaginar do rigor deste sinistro sepulcro basta dizer-se que ali nenhumha luz resiste acesa, nem sequer um fósforo, que se apaga logo que se fere a massa.

Aprecia-se a adesão do Sindicato dos Manipuladores de Pão de Evora que nomeia seu delegado, o camarada Manuel Domingos, e envia nota da sua população associativa.

Aprecia-se o ofício dos Manipuladores de Pão de Coimbra que envia nota da população associativa e respectiva cota de adesão, e nomeia seu delegado Mário Martins Moreira.

Aprecia-se também um ofício dos Manipuladores de Pão de Santarém que nomeia seu delegado Alvaro de Sousa Simões, e envia a sua cota de adesão e população associativa.

Aprecia-se as teses dos sindicatos dos Culinários de Lisboa e Manipuladores de Pão de Santarém que vão ser publicadas.

Esta comissão atendendo que o congresso está próximo, pede aos sindicatos que respondam com urgência à última circular enviada, e que os delegados ao congresso devem estar em Lisboa no dia 16 do corrente, dirigindo-se à Calçada Castelo Branco, Saravá, 42, 1.º, de onde seguirão para o local do congresso.

E' urgente o envio dos trabalhos respeitantes ao mesmo, para serem apreciados e para dar assim uma melhor orientação aos delegados a essa magna reunião.

Casas

Alugam-se desde 220\$00. Ver e tratar: Calçada da Tapada, 138.

**Secção Telegráfica
Federacões**

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Organismos do Pôrto e província—Pelo correio enviamos o Gráfico.

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Vieira de Leiria—Segue ofício pondo as coisas no seu lugar.

Contra os touros de morte

O Conselho Directivo da Liga de Defesa dos Animais, representado pelos srs. engenheiro Alberto Potier e A. R. Silva Júnior, entrevistou o chefe de gabinete do ministro do Interior a quem entregou uma representação da Liga contra uma projectada tourada com touros de morte que se pretende realizar hoje, 10, em Reguengos.

Os representantes da Liga mostraram a necessidade dum diploma que, de uma vez para sempre, termine com as sucessivas tentativas de inaugurar êsses espetáculos de crueldade que são incompatíveis com a cultura moderna e com a índole do nosso povo, resultando apenas da insistência dumha minoria inconsciente incapaz de avaliar as consequências, próximas e remotas, que tais espetáculos iriam inaugurar se, na realidade, fôssem permitidos em Portugal.

Desta conferência trouxeram os comissionados a convicção de que a resolução tomada há pouco, em Conselho de Ministros, se manterá inalterável, observando-se o critério de que tais espetáculos nunca serão permitidos.

A seguir, foram os representantes agradecer ao presidente do Ministério o ter atendido a representação da Liga contra o espetáculo que estava para se realizar em Evora.

De harmonia com estes pensamentos de brutais espoliações, Venâncio Nascimento, não se contentando com a miséria de labor dada calculadamente aos seus escravos, ainda teve o cinismo, a petulância irritante de lhes pretender baixar aos salários!

Nas reuniões dos grevistas, cuja luta passou para a direcção de um Comité, tem-se verificado videntemente o baixo e insultante procedimento do industrial Venâncio, que é, no fim de contas, o procedimento reflexivo do que todos os industriais pretendem usar.

Venâncio apenas iniciou a infâmia, que se alastrará se a indústria operária do mobiliário não tiver a energia para repelir os tristes.

A pesar dos encarregados, especialmente os de marcenaria, se içarem numa atitude de covardia sabujante, os operários em greve manifestaram uma alta disposição para a luta—desprezando os vendidos. —C.

CARTA DO PORTO

Foi iniquamente proibida
uma conferência sobre
Francisco Ferrer

A sciença oficial, principalmente aquela que se destina à arte de governar, tem as suas interpretações próprias, envolvidas numa filosofia curiosamente extraída dos velhos alfarrábeis das sabedorias de antanho. Assim, não é para extranhar que na stingleza do nosso povo, impenitentemente intransfigurável, se veja uma coisa mui diferente que os preceitos arcaicamente oficiosos registram nas explicações das altas esferas mandatárias.

São raciocínios abalizados que nós temos por obrigaçao imperiosa acatar, já que tanto leigo somos em matéria doutrinária das apreciações enciclopédicas do culto autor